

Conceptualizando a *ideia de exposição* – um método de intervenção activo no processo comunicativo

Maria da Luz Nolasco Cardoso

Museu de Aveiro, IPM

Colaboradora da Universidade de Aveiro, Reitoria

A capacidade de articularmos vários códigos de comunicação em simultaneidade, reporta-nos á ideia de instabilidade, de movimento e de algo incontrollável; é como se, instantaneamente, tudo pertencesse ao horizonte da comunicação, epistemologicamente. As representações técnicas do projecto, das peças desenhadas, de figurações reais ou abstractas que unem o aspecto estético da comunicação a um formalismo ditado pelos materiais permitem-nos criar um novo sistema de linguagem capaz de nos colocar em constante contacto com o passado, com o mundo da memória como forma simbólica e, com o mundo performativo, em constante transformação, que caracteriza a estética contemporânea.

O Design de Exposições, entendido simultaneamente como uma atitude projectual e como um sistema comunicativo multidireccional, apelativo e sensorial, funciona em “progresso” com o espaço; um espaço que se transforma e que é produto da relação entre conteúdo e contentor; entre figura e fundo; entre o conceito e a sua representação. Nesta tensão do processo comunicativo actua todo um sistema de códigos cujo objectivo é permitir que a mensagem passe recorrendo a uma linguagem diferente daquela que esteve na origem dos conteúdos. A “rotura da unidade” e o “destaque” dado às formas, aos objectos e aos conceitos, constitui o aspecto essencial do projecto, ou melhor dizendo, constitui a pedra de toque do design de exposições.

A articulação entre os códigos objectual, medial e estructural permite criar uma nova condição perceptiva; na concepção do design da exposição é essencial destacarmos o aparelho expositivo então criado das paredes - do suporte fixo - de um qualquer espaço pré-existente para o qual foi destinada a nova intervenção expositiva. O objectivo é mostrar um novo espaço e/ou momento expositivo capaz de gerar uma nova impressão estética que permita a intensidade do evento. Este novo espaço de representação deverá ser assumido como um “código espacial diferenciado” daquele outro código que nos é

proposto pelo espaço real que acolhe a exposição. A consciência da diferença é fundamental para o design de exposições. A consciência da “diferença formal” entre a obra provisória e não definitiva e o espaço fixo, real e pré estabelecido é uma prerrogativa de um modo caracteristicamente moderno de pensar o espaço de exposição. Aliado ao sistema comunicativo referido, uma outra consideração deve ser tida em conta, nomeadamente a que se refere ao dispositivo espacio/temporal que a ideia de exposição comporta e que coloca em exercício, a nível epistemológico. No âmbito de uma visão alargada do design de exposições, podemos considerar a acção de expor e/ou de “mostrar” como atitudes projectuais ligadas à ideia “crononómica” do evento, fundamentado na intensidade da impressão estética que o objecto/conteúdo e o ambiente/espaço criam na percepção visual do observador. Deste modo poderemos então avançar que o momento da percepção estética e cognitiva do observador num espaço de exposição pode ser algo cronometrado, mensurável na duração e na permanência, a partir do modo de fruição do sujeito observador. Em síntese, a ideia crononómica do evento intenso remete-nos para a dialéctica face o paradigma do tempo clássico entendido na perspectiva da longevidade, da eternização e da permanência do objecto estético em contraponto com a ideia de compressão do tempo, do modo de fruição instável e efémero que nos parece ser “a chave” na narrativa e vicissitude da arte contemporânea. A exposição é, na sua essência, o palco e o espaço cénico onde os vários códigos comunicativos interagem, se compõem e se articulam fazendo a sintaxe da imagem global; a exposição é, em suma, o espaço onde crononomicamente o evento se experimenta, se vive de modo mais ou menos intenso, de modo mais ou menos instável e ou efémero.

Para uma definição dos códigos comunicativos que influem na concepção dos espaços expositivos e na aferição crononómica da intensidade dos eventos

Os códigos medial, objectual e estrutural estabelecem a comunicação entre o emissor e o receptor. Neste processo dinâmico de construção de significados e de tratamento dos significantes, são estabelecidos três níveis fundamentais da comunicação:

Ao sistema comunicativo que trabalha com os objectos corresponde o *código objectual*

(quer os objectos funcionem agrupados, em colecções, ou isolados, como artefacto no singular: o espécimen, a imagem fotográfica, o sistema ecológico, o território, etc.);

O *código medial* corresponde ao sistema de transmissão das mensagens, logo representa o conjunto de elementos físicos que permitem a leitura, a interpretação e a percepção dos objectos; corresponde ao conjunto de signos, símbolos e sinais de orientação e condução do observador no espaço expositivo, actuando quer ao nível dos estímulos, da identificação e da interpretação em torno da obra exposta (semiótica da imagem, do lugar e do tempo);

E o *código estrutural* corresponde ao local ou seja, ao novo espaço de representação que recebe e envolve a narrativa no seu todo. Este corresponde ao território e/ou contentor que guarda, que preserva e legenda a narrativa; é ainda extensível à ideia de edifício, de paisagem ou, em sentido restrito, à ideia de sala/galeria/compartimento/... espaço que alberga o percurso expositivo e que, por sua vez, condiciona o discurso narrativo.

Em suma, expor é sobretudo um processo cujo resultado não é o de um novo objecto, mas é antes, o de uma profunda experiência cognitiva. Quer isto dizer que à pura percepção dos objectos se sobrepõe a sua interpretação; a orientação à sua leitura; a intervenção do observador e a sua apropriação simbólica ao seu valor de uso (Bourdieu, 2000).

Deste modo propõe-se, ao nível do projecto, a atenção aos detalhes, ao uso de materiais específicos, ao conhecimento da inovação tecnológica e à investigação em torno dos materiais, pois este saber contribui para um significativo conjunto de soluções técnicas e construtivas às quais o designer ou o projectista deve recorrer.

O designer de exposições opera pois na modelação e composição de espaços, na legibilidade e organização dos materiais, e sobretudo, na estruturação orgânica das funções que uma exposição deve cumprir, ou seja: as da Didáctica e da Comunicação.

- Estas funções cumprem-se quando o conservador/curador/ restaurador... museólogo e o museógrafo elaboram programas coordenados em um determinado tempo e para um

determinado espaço, adaptando aos recursos existentes um desenho orgânico e flexível que valorize não só os itens materiais disponíveis e seleccionados pela instituição, bem como os demais elementos que reúnem toda aquela informação de relação e/ou contextualização de modo a criarem os mais diversos ambientes e espaços de exposição.

- As técnicas expositivas (a planimetria, a antropometria, a luminotecnia, entre outras), implicam o conhecimento dos conteúdos (objectos, ideias, materiais, imagens, espaços, ...), mas também das condições requeridas pela conservação e preservação desses conteúdos.

- A identificação do local expositivo assume especial atenção e destaque devendo ser dada particular atenção à sequência e à distribuição das áreas de exposição de modo a que esta provoque um sentido de orientação e conforto ao observador/visitante; este ponto refere-se especificamente com o código estrutural ou seja, com a questão relativa ao *fundo* e /ou *suporte expositivo*;

- A exposição pode ou não funcionar em sintonia com a estrutura arquitectónica envolvente; casos surgirão em que por ventura se possa quebrar este compromisso podendo o projecto da exposição autonomizar-se extrapolando o seu espaço de modelação interior para além do contentor que o acolhe;

- O processo de planeamento da exposição, antecedido pela fase conceptual e de desenvolvimento funcional¹, é sempre uma operação complexa já que, de uma maneira

¹ Acerca do desenvolvimento funcional cumpre-nos destacar as seguintes questões básicas inerentes a qualquer guião expositivo:

- 1. Que carácter queremos dar à exposição, o de permanente ou o de temporária?
- 2. Qual o modo de expor os objectos? Qual o médium? Qual a mensagem? Qual o conceito?
- 3. Quais os critérios para a sua percepção visual e qual a articulação com os conteúdos resultantes da pesquisa científica?
- 4. Como ordenar a colecção no espaço então definido? Segundo uma orientação cronológica, temática, tipológica, matéria, sequencial, seriada,
- 5. Como preparar e orientar o circuito da exposição? Usando uma sinalética direccional, instalando monitores de apoio ao visitante, usando um apontamento linear e cromático ao nível do pavimento, ..., modelando a luz e dirigindo a sua orientação espacial e focal, etc.

ou de outra, é necessário inserir objectos em ambiente diverso dos contextos para os quais foram pensados, seriados e produzidos.

- Expor uma colecção de objectos, seja qual for o partido museológico adoptado, é sempre uma encenação. Talvez melhor se compreenda o ambiente expositivo concebido, se nos abstrairmos *in loco* da ideia de vermos em separado as obras/os objectos/as imagens a projectar... e a construção que as acolhe. Contentor e conteúdo interagem mutuamente.

No entanto, tudo é mais complexo quando o seu espaço é, impositivamente, resultante do acondicionamento de um ambiente já marcado pela história, cumulativo, polivalente e arquitectonicamente significativo.

A Exposição não coloca nem dá soluções, quer ao nível da interpretação quer ao nível da leitura da obra, mas coloca questões. Logo, orientar o observador no espaço de exposição e traçar rotas / percursos e narrativas que o conduzam ao nível cognitivo e sensorial, não significa manipular os modos de ver e de entender do observador. Os discursos inerentes aos códigos objectual e medial são o reflexo e a síntese dos estudos e dos factos analisados por uma equipa de profissionais à luz da história e da ciência. Mais, a exposição deixa em aberto processos de interpretação que cabe ao utilizador/observador construir, redefinir, encontrar e/ou acrescentar.

Reflexões para debate

Estas e demais questões - base resultaram da contínua reflexão sobre a metodologia e os princípios que orientam a transformação de um espaço de exposição, formalizando e até **conceptualizando a *ideia de exposição***, não apenas como uma atitude estética ao serviço da criação de uma imagem, **mas como um método de intervenção activo no processo comunicativo** a estabelecer entre as partes, ou seja, entre o promotor e o visitante/receptor.

A motivação que acompanha a concepção e posterior montagem de uma qualquer exposição reside na capacidade de diálogo que conseguimos estabelecer entre o espaço/lugar da exposição, os objectos e/ou os conceitos a expor nesse lugar e o interprete ou fruidor de ambos.

Bibliografia

- Caliari**, Pier Federico, *La Forma dell'Effimero*, Milano, ed. Lybra Immagine, 2000
- AAVV**, *Progettare Mostre- Dieci lezioni di allestimento*, Milano, ed. Lybra Immagine, 1989
- AAVV**, *Nuovo Allestimento Italiano*, Milano, ed. Lybra Immagine, 1987
- AAVV**, *Working with Type Exhibitions*, 5, Switzerland, Roto Vision SA, 2000
- Hudson**, Kenneth, *Museums of Influence*, Cambridge University Press, 1987
- Museum Practice magazine**, Summer-issue 23, London, Museums Association, 2003